

# **OJAZZ:UM TESTEMUNHO DA MÚSICA ATRAVÉS DO COTIDIANO DE 1970 ENTOADO EM AS MENINAS**

**Discente:** Felipe Soares

**Orientadora:** Nírcia Celicila Ribas Borges Teixeira

**UNICENTRO/ LLP/N 4º ano**

**Resumo:** Considerando o cotidiano paulistano representado na obra *As Meninas*, evidencia-se o sistema ditatorial brasileiro da década de 1970 em sua narrativa abafada, sufocada pelo regime militar. Na mesma década, nos Estados Unidos da América, foram proibidas quaisquer insurreições da cultura negra em New Orleans, dado um regime opressor instaurado sobre as comunidades negras. Logo, se ater-se ao campo literário o considerando também como testemunho histórico, e tomando o gênero musical como objeto representativo de seu tempo na mesma esteira testemunhal, segundo o diálogo entre música, história, memória e literatura, asseverado por Seligmann e Daglian, numa análise mais profunda se perfila nesse trabalho o tráfego entre literatura e música enquanto testemunhas do ano de 1970, onde se espera evidenciar o tom protestante recorrente na narrativa de *As Meninas* através da linguagem do recém-nascido gênero musical *jazz* adotado pela autora como presumível evasão tomada por suas protagonistas contra o silêncio opressor de distintos momentos históricos da época.

**Palavras-chave:** Ditadura de 1970; Testemunho musical; *As Meninas*; *Jazz*;

## **Introdução:**

*“Jazz, é o jazz que combina com a morte  
em desespero. Morte em pecado.”*

Lygia Fagundes Telles

Notamos da história dos anos 1970, período embalado em turbulentos moinhos de eventos ditatoriais, o nascimento de duas vozes opostas ao silêncio opressor da época. A primeira delas, brasileira, é o romance de Lygia Fagundes Telles, *As Meninas*. A segunda, fruto da insurreição da cultura negra americana, é o gênero musical então proibido, o *jazz*.

O presente trabalho pretende, mediante essa esteira testemunhal histórica, atar-se ao possível diálogo sugerido entre música e literatura, a fim de evidenciar o *jazz* aclimatado na narrativa de Telles como um elemento configurador de evasão lírica e intelectual perante o cotidiano abatido pela pressão da ditadura do período alarmante.

Publicada primeiramente em 1973, de sua estrutura, a obra de Telles apresenta um tempo cronológico percorrido através de onze capítulos que promovem mergulhos

aleatórios nas vidas destoantes de suas três protagonistas, Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz, e Ana Clara Conceição, amigas próximas embora suas diferenças.

Sob o cenário da época de 1969, quanto às suas referências espaciais, o romance é ilustrado pelo pensionato de freiras progressistas, além de nomes de ruas e de praças que fazem referência à cidade de São Paulo.

Todavia, a obra também é apresentada quase majoritariamente em espaços internos, uma vez que *As Meninas*, enquanto a sua perspectiva narrativa, sugere-nos o fluxo de consciência (TEZZA, 2003).

Assim sendo, a narrativa é intercalada em primeira pessoa na trama através das vozes e pensamentos das três protagonistas aleatoriamente, por vez se embarçando entre o passado (graças aos impasses das memórias das personagens), e minimamente também apresentados no presente (que gira em torno principalmente de suas ações e diálogos).

Nessa medida, o romance que possui cunho de literatura de testemunho, tem sua trama estabelecida num presente que elenca o sistema do regime militar da década de 70 pressupondo uma relação indireta ao apagamento e esquecimento das atrocidades cometidas neste período particularmente impactante na história brasileira.

Resquícios do golpe militar de 1968 ressonam dessa maneira pela atmosfera da obra referida. No tocante a esfera social retratada, observamos “recorrências de um regime que se mostrava encaminhado para a supressão da liberdade, dada a década de transformações radicais na vida política” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 81).

Quanto à esfera familiar, por sua vez, é principalmente por meio das ações das protagonistas que observamos os efeitos desse regime, tendo em vista as suas existências à sombra da consciência ditatorial que pressupunha referências *adequadas* a esfera cotidiana.

É nesse passo que também se arrolam as mitologias dedicadas ao cotidiano feminino observado na obra. Os papéis a serem desempenhados pelas mulheres das classes urbanas médias e baixa convergem com as imagens projetadas pelas protagonistas: obrigações familiares, a religião, o desquite, o adultério, a virgindade. Assim como o processo ditatorial imposto, observamos processos de ordem cultural e tradicional também sufocarem o universo feminino.

Deste modo é costurado o contexto histórico-social na narrativa de *As Meninas* junto da vida cotidiana observada através do olhar de suas protagonistas. Mediante a sucessão dos dias fixados relatado no romance, cumpre agora elucidarmos a

ferramenta de vazão da qual se utilizaram as personagens que recorriam à música como confidente de seus dias.

### **Ressonâncias entre história, memória, literatura e música**

Uma vez contemplada a esteira histórica e social que dá horizonte a obra de Telles, notamos que a vida das protagonistas ecoa na narrativa como uma voz fragmentada pelos lapsos de lembranças e observações distintas de três jovens: a intelectualizada Lorena, descendente de bandeirantes, a audaciosa Lia, filha de mãe baiana e de pai alemão, militante no combate à ditadura, e finalmente Ana Clara, jovem oscilante entre a ascensão social burguesa e o paraíso imaginário das drogas.

Logo, os três pontos de vistas norteados pelas protagonistas apresentam cotidianos singulares, estando ora próximos, ou ora alienados ao cenário social e político da época.

De tal modo, a voz emanada da obra por meio de suas personagens passa poucos seguimentos em narração de discurso livre na narrativa, e é marcada frequentemente em primeira pessoa, o que abrange simultaneamente a atmosfera da época por sua vez criando cenários referenciados segundo a percepção de suas protagonistas.

Deste modo, as vozes de Lorena, Lia e Ana Clara pulsam sobre a narrativa, porém o fazem igualmente contidas pelo confinamento do país sufocado pela repressão política e pelas transformações sociais e morais.

Consequentemente, não dizem e não fazem aquilo que gostariam de dizer ou fazer. “Comem e não vejo o que comem. Falam e não ouço o que dizem, harmonia total sem barulho e sem brava.” (TELLES, 2009, p. 59).

Logo, as perspectivas e metáforas acerca do mundo onde vivem as distintas protagonistas de *As Meninas* evocam a opressão ditatorial de seu contexto histórico, permitindo ressonar as imposições do dia-a-dia feminino, como vemos:

- Não vou ler tudo, só um pedaço, presta atenção: *Tenho vivido em dois planos, o cotidiano, o real com as obrigações de cada dia, com laços que me prendem às pessoas queridas – que amo também e diante das quais sou um, determinado, identidade certa, com passado, presente e futuro que me enleiam a um caminho pausado, de responsabilidades conscientemente aceitas. [...]* (TELLES, 2009, p. 204).

No começo, presentinhos, flores, como me iludiu com suas gentilezas, não podia haver homem mais fino. [...] Este ao invés de cereja tem uma uva atolada no creme rosado. E não sei mesmo por que me vem a frase de um político genial, *governar é prender*. Muito fino como diria minha mãezinha. Respiro corajosamente. [...] Vamos lá. (TELLES, 2009, p. 233).

Contudo, apesar do enclaustramento percebido nas falas das protagonistas, poder-se-ia notar igualmente nesta obra, a força de um recurso de que o romance faz uso, através do qual as vozes das protagonistas seriam libertadas de seu cotidiano reprimido.

Se Lorena, Lia e Ana Clara representam diferentes abordagens dos feitos e circunstâncias do universo da jovem geração feminina brasileira trancafiada no início da década de 1970, mesmo que próximas, distantes ou ainda alienadas a realidade de sua época, há entretanto comumente entre as três protagonistas sempre o desabafo; ação verbalizada na narrativa propiciada, entretanto, pelo respaldo seguro da música.

Logo, cumpre observarmos a relação música-literatura; ponto sob o qual o estudo do presente trabalho pretende agora perfilar-se.

Música e literatura mantêm ligações que variaram mediante diferentes épocas e culturas. No que concerne às análises literárias, a exemplo, a literatura incorporou nomes como dissonância, melodia, anacruse, harmonia e polifonia, nomes estes todos oriundos da música, bem como a arte musical tomou da poética termos como elegia, censura, tema, motivo, cadências, período, frase, entoação, timbre, metro, ritmo, elencando aqui apenas o campo léxico. (DAGLIAN, 1985, p.10)

Não obstante, anteriormente quando ambas as áreas se integravam como uma única atividade houve por origem desta relação diversas composições, agora definidas como literárias, que eram vinculadas à música, como às baladas, líricas ou narrativas, as odes, as cantigas, barcarolas, e hoje estudadas pela Melopoética.

Prontamente, como se depreende música e literatura enquanto produtos culturais, historicamente condicionados e que envolvem diversas naturezas, elencamos, portanto, que a confluência da música com a literatura opera como fator relevante à compreensão de uma época, da própria história e da própria cultura, segundo baliza Solange Oliveira em *Leituras Intersemióticas* (OLIVEIRA, 2001). Nesse sentido, em relevância às considerações elencadas, importante se faz encaminharmos nosso estudo agora para outro momento histórico.

## O jazz: uma voz para as meninas de Telles

Orfeu chegou a comover as feras com sua lira e eu não consegui comover nem o Astronauta. Enfim, [...] mas como gostaria de mandar minha palavra de equilíbrio, de amor ao mundo mas sem entrar nele, é lógico. [...] (TELLES, 2009, p. 59).

Estados Unidos, 1970. Os tambores foram proibidos no sul do país para evitar quaisquer insurreições de cultura negra. Logo, a fim de promoverem suas danças, as comunidades negras se obrigaram a improvisar com outras formas de som, como o sapateado, as palmas e o banjo. Logo nasceria o *jazz*.

New Orleans teve papel preponderante neste nascimento musical. Palco da guerra racial norte americana, contudo também foi uma cidade aberta aos sons picantes dos caráibos e também a musicalidade mexicana, e que logo se tornou num local referência para as influências rítmicas que se incorporavam àquela nova música propagada por sua crescente população negra, em meados do século XX.

O *jazz* sobrepujava aos poucos o silêncio político decretado aos negros se fazendo presente, primeiramente, nas numerosas sociedades de dança e paradas locais, plenas de concursos atrás de bons músicos. Em seguida, o fazia por meio de suas *Brass Bands* que tocavam em diversos funerais, disfarçadas de cortejo em consolo os familiares em luto.

Posteriormente, notamos a resistência do gênero às normas musicais através de sua própria e inédita estrutura por meio do cantor A. Louis, o inventor do *Scat*, técnica utilizada no canto do *jazz* que consiste no controle das sílabas soltas, possibilitando ao executante por sua vez o domínio do improviso com a voz; descompasso musical também feito em seus instrumentos de percussão, sopro e cordas. (HOBBSAWN, 1990)

Em resposta à sociedade negra, bem como à improvisação coletiva desse gênero que foi absolutamente interveniente dentro da estrutura harmônica musical (de origem branca), na década de 1920 houve o encerramento dos clubes de *jazz* da área de Storyville em New Orleans.

Nesse passo, não tão tarde o norte do país, área nacional de maior repúdio às políticas racistas sulistas, teve mais precisamente na cidade de Chicago o novo ponto de paragem dos musicistas de *jazz*. Por fim, o gênero musical ganhou alma através de cantores, cornetistas e tocadores de clarinetes como Louis Armstrong, Johnny Dodds, Jimmy Noone e Sidney Bechet em suas primeiras gravações.

Após ganhar espaço na cidade de New York, ao correr dos anos o *jazz* se tornou parte do cotidiano e da cultura americana, tendo sua origem em seus desfavorecidos sociais, cujas vozes evoluíram através do tempo como arranjos e improvisos musicais em constante tom de protesto.

Nesse sentido, consideramos concomitante o tom protestante do *jazz* contra um cotidiano igualmente sufocado pela opressão social n' *As Meninas*, como acenam os fragmentos a seguir:

Essa voz meio rouca não é de drogado? Voz turbilhonada de quem pede socorro mas não quer ser socorrido. (TELLES, 2009, p.31)

– Bebo e não acontece nada. Nada. Essa música pé frio. Ele estendeu a mão para a pilha de discos que pendeu perigosamente, alguns resvalando para o chão. [...] Berreiro desgraçado! (TELLES, 2009, p.49)

E você? Pergunto a Jimi Hendrix gritando e já rouco de tanto gritar. Tiro o disco. Lião fica um tigre com essa música, diz que é desfibrante. (TELLES, 2009, p. 60)

“A música absorve o caos e o ordena”, disse e ficou atenta. (TELLES, 2009, p. 61)

Sem surpresa, a voz negra em canto, o berreiro definido em *As Meninas*, não foi silenciada pelo regime ditatorial que lhe foi imposto em seu país em transformação. Desse modo, o cotidiano encarcerado das personagens Lorena, Lia e Ana Clara encontraria sua vazão protestante na esteira do *jazz* que, na narrativa do romance, assim rompe o ambiente ditatorial que amordaçava as ideias não ditas nas vozes das protagonistas.

### **Conclusão:**

Notado o entrecruzamento da música e da literatura, não é a princípio a estética da palavra cantada em *As Meninas* o movimento tido na obra em análise, contudo, a inspiração na música vislumbrada por suas protagonistas é que torna possivelmente a música com um movimento e ferramenta frutífera ao romance.

O protesto inspirou à música o nascimento do *jazz*, e, por conseguinte, o *jazz* apresentado em *As Meninas* agrega ao cotidiano das protagonistas a medida do tom de resistência e evasão.

Vale ratificar a sintonia revoltante evocada no romance em suas citações e alusões ao gênero musical, que por diversos momentos converge sobre as reflexões, desejos, sentimentos, anseios e aspirações das três protagonistas tentando romper de alguma forma o silêncio em que vivem, seja ele promovido por cunho social, político, religioso ou familiar.

Pontuadas tais circunstâncias no estudo empreendido, consideramos o empréstimo do gênero *jazz* pelas protagonistas do romance como utensílio aos seus embaraçosos pensamentos, às suas subliminares ações explícitas ou ocultas obscurecidas pelo seu cotidiano.

Considerando o romance de Telles como um berro em protesto a sua época, a música citada dentro de *As Meninas*, portanto, poderia ser avaliada como evasão das personagens que possuem algo a dizer, mas que não podem dizê-lo abertamente, e o fazem, portanto, através das letras da música, haja visto: “Ora música de agressão. Estou cheia de agressão que pra meu gosto já fui demais agredida” (TELLES, 2009).

E ainda, a música lhes serve de saída do cotidiano que as encarcera: “Quando fecho a porta do meu quarto tenho que parar e ficar respirando. Respirando. Ligo a vitrola ao acaso, sem trapaça, escolho um disco. Fico sorrindo quando ouço o que escolhi” (TELLES, 2009).

Cada protagonista em determinado momento da narrativa assim se ampara da música para traduzir ou explicitar seus pensamentos, acerca do momento que as envolve, seja ele decorrido em razão dos fatos históricos, sociais ou psicológicos. Sobremodo, talvez o uso do artifício da música em *As Meninas* seja o veículo de um terreno lírico particular às suas protagonistas, onde elas ganham força momentânea e fôlego necessários às suas próprias vozes de protagonistas, numa possível resposta às suas negações e afirmações, referentes ao domínio das convenções e das aparências ditadas pelo poder em voga.

De resto, absorvidos o *jazz* e a ditadura militar brasileira pelo romance de Telles, culmina da obra a arquitetura de um cotidiano feminino cujos vestígios ainda reverberam presentes na memória da história, respaldada graças ao testemunho da música numa literatura que não permitiu ser silenciada.

## **REFERÊNCIAS:**

DAGLIAN, Carlos. **Poesia e Música**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ERIC J. HOBSAWN. **História Social do Jazz**. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

OLIVEIRA, S. R. **Leituras Intersemióticas**: a Contribuição da Melopoética para os Estudos Culturais. In: Cadernos de Tradução. Florianópolis: NUT, 2001, v. 1, n. 7.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org). **História, memória, literatura**: Testemunho na Era das Catástrofes. – Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 2003.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. Posfácio de Cristóvão Tezza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TEZZA, Cristóvão. **O autor e sua obra**, em *As Meninas*, edição do círculo do Livro, s/d., São Paulo, 2003.